

Divida Externa Britânicos endurecem na renegociação

28 NOV 1987

MILTON COELHO DA GRAÇA
Correspondente

LONDRES — A renegociação da dívida externa brasileira, em meados do próximo ano, terá uma alta temperatura política. Os nove bancos britânicos estão deixando claro para o Ministro Bresser Pereira e para o Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores, em Nova York, que a aprovação pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) será condição **sine qua non** para qualquer futuro pacote.

O National Westminster e o Barclays, os maiores bancos britânicos (embora não sejam os maiores credores), que lideraram a rebelião contra o entendimento provisório, estão se preparando para o endurecimento, seguindo a linha do Deutsche Bank e de outros bancos europeus. Essa pre-

paração baseia-se em uma rápida elevação das reservas contra débitos duvidosos do Terceiro Mundo.

O Natwest, a quem o Brasil devia, no final do ano passado, 483 milhões de libras (cerca de US\$ 860 milhões ou CZ\$ 50 bilhões), é um claro exemplo dessa estratégia. No final do ano passado, ele tinha 35 países na sua lista de devedores problemáticos, que representavam 2,8 bilhões de libras ou 3,5% de seu ativo total. A diretoria decidiu elevar as reservas para quase 400 milhões de libras.

No primeiro semestre deste ano, o Natwest teve um lucro recorde de 815 milhões de libras, apesar reserva relativa as dívidas dos 35 países. Hoje, 29,5% da dívida desses países já têm provisão e a City está na expectativa de que essa percentagem seja elevada, no fim do ano, para 50% ou até 60%.

Isto quer dizer que o Natwest — e, similarmente, todos os outros bancos britânicos — estão se preparando para um jogo duro na próxima renegociação.

Até 1985 — disse um executivo de um banco ao GLOBO, sob a condição de não ser identificado — uma atitude drástica do Brasil ou de outro grande devedor como o México ou a Argentina ameaçava os bancos de quebra. O Deutsche Bank e outros mostraram que o caminho correto nesse cenário sombrio era segurar lucros e formar reservas suficientes para enfrentar qualquer crise.

A dívida do Brasil com nove bancos britânicos é estimada em US\$ 6 bilhões, uns 9% do total devido a todos os bancos privados. O Midland, maior credor do Brasil, com 1,4 bilhão de libras (US\$ 2,5 bilhões ou CZ\$ 140 bilhões), é o mais vulnerá-

vel, porque só tem, até agora, reservas equivalentes a 5,8% de sua **exposure** em 30 países problemáticos. E, por isso mesmo, tem sido o ouvido mais acolhedor para as propostas inovadoras de Bresser Pereira. Mas a venda de 14,7% de suas ações para o Hong Kong and Shanghai Banking Group inunda a sua caixa e lhe permite imprimir um galope acelerado ao aumento das reservas.

Esse quadro prenuncia crescentes dificuldades para o Ministro Bresser Pereira em suas futuras conversas com os bancos britânicos. O texto exato dos telex enviados à Brasília não foi divulgado, mas seu sentido é conhecido: se o Brasil não pagar em dia os juros de 1988 e não submeter um programa econômico para aprovação pelo FMI, não haverá renegociação.

O GLOBO